



“UMA A CADA ONZE”: DISCUTINDO A CULTURA DO ESTUPRO NO BRASIL

Lucía Silveira Alda¹
Maria Eduarda Cunha da Silveira²

Introdução

Dados apontam que a cada onze minutos uma mulher é estuprada no Brasil (RIBEIRO, 2016). Estima-se, no entanto, que esse número representaria apenas 10% das denúncias reportadas à polícia. As estatísticas sobre estupro podem ser ainda mais alarmantes, já que esse crime é a forma de violência mais subnotificada no país (NUNES, 2016) e, apesar de ser classificado como crime hediondo pela Lei nº 12.015 do Código Penal Brasileiro, ainda é um delito contraditório para grande parte da sociedade, que subverte moralidades e expõe vítimas de maneira também agressiva. Em vista disso, o presente relato de experiência tem como objetivo apresentar a produção do documentário *Uma a cada onze*, desenvolvido pelas autoras, a fim de discutir como a cultura do estupro se constitui e se manifesta no Brasil e pensar em estratégias que ajudem a combatê-la.


Motivações do estudo

Os dados sobre esse tipo de violência no Brasil são alarmantes. Segundo uma pesquisa encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, um em cada três brasileiros acredita que, nos casos de estupro, a culpa é da vítima. Cerca de 30% da população concorda que a mulher que usa roupas provocantes não pode se queixar de ser estuprada. Entre a população masculina, o número é ainda maior: 42% dos homens afirma que mulheres que se dão o respeito não são estupradas (SOARES; ACAYABA, 2016). Além disso, segundo dados da Organização Mundial de Saúde, o Brasil é o quinto país mais violento contra a mulher e o pior país da América do Sul para ser menina (BELLONI, 2016). Em torno de 50% dos casos, estupros acontecem por meio do uso de força física ou de ameaça (MEDEIROS, 2017). Como

¹ Professora de Português, Inglês e Literatura, integrante do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Gênero e Sexualidade (NEPGS) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Rio Grande, Rio Grande/Brasil. lucia.alda@riogrande.ifrs.edu.br

² Estudante do curso técnico em Automação Industrial integrado ao Ensino Médio, integrante do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Gênero e Sexualidade (NEPGS), no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Rio Grande, Rio Grande/Brasil. duda.eduarda@gmail.com





se esses números já não fossem suficientemente alarmantes, nos últimos anos, diversos casos de estupro coletivo estamparam os noticiários brasileiros: em 2016, foram divulgados na mídia, pelo menos, cinco casos. De acordo com Gay (2016, p. 132) “o indizível agora é televisionado”. Em diversos episódios, além da violência sexual e física, a vítima é filmada e exposta nas redes sociais, onde os estupradores se vangloriaram do feito de maneira aterradora, divulgando fotos do estado da vítima. Vivemos, hoje, submersos em uma cultura excessivamente permissiva em relação ao estupro e em uma época que exige o uso da expressão cultura do estupro. “Essa expressão denota uma cultura em que somos bombardeados, de diferentes maneiras, pela ideia de que a agressão masculina e a violência contra as mulheres são aceitáveis e, muitas vezes, inevitáveis” (GAY, 2016, p. 133). As inúmeras formas de violência sofridas pelas mulheres – desde o assédio verbal e psicológico até o feminicídio – são continuamente normatizadas no nosso meio social e reproduzidas sem pudor nos meios midiáticos: somos inundados com imagens de violência sexual e doméstica, somos induzidos a lidar com isso de maneira casual.

O documentário *Uma a cada onze*

A fim de discutir esses números e aprofundar a discussão sobre a questão da cultura do estupro no Brasil, produzimos e desenvolvemos o documentário *Uma a cada onze*, sem recursos financeiros nem fins lucrativos. Essa iniciativa pautou-se na necessidade de desenvolver um trabalho que abordasse as relações de poder e de gênero dessa cultura machista e misógina do estupro, que abrange todo o espectro comportamental e cultural que controla o corpo da mulher, criando contexto para a violência (MEDEIROS, 2017), englobando todas as formas de agressão sofridas no cotidiano da mulher e suas sutilezas. Para tanto, entrevistamos oito mulheres ativistas nos mais diversos campos de atuação. A partir das conversas por Skype, de vídeos divulgados na mídia e de dados coletados na literatura da área, compilamos as informações em um vídeo de aproximadamente 32 minutos, amplamente divulgado em repositórios digitais e redes sociais³. Ainda, as discussões sobre a produção deste trabalho foram apresentadas no 13º Congresso Mundos de Mulheres (MM) em conjunto com o Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 (FG) em agosto de 2017.

³ O documentário *Uma a cada onze* está disponível na íntegra em <https://vimeo.com/227422800>.



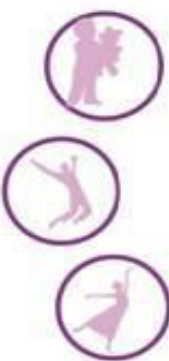


Figura 1 – Frame do documentário *Uma a cada onze*




Fonte: *Uma a cada onze*, 2017

A importância dessa discussão

Ser mulher neste mundo misógino e machista não é uma tarefa fácil. Ainda, combater uma cultura do estupro, conceituada por Buchwald, Fletcher e Roth (1993, p. vii), como

um conjunto complexo de crenças que incentivam a agressão sexual por parte dos homens e apoia a violência contra as mulheres. É uma sociedade onde a violência é vista como sensual e a sexualidade como violenta. Em uma cultura de estupro, as mulheres percebem um contínuo de violência ameaçada que varia desde observações sexuais até o toque sexual e até o próprio estupro. Uma cultura de estupro tolera o terrorismo físico e emocional contra as mulheres como norma. Em uma cultura de estupro, homens e mulheres assumem que a violência sexual é um fato da vida, inevitável

e isso implica em uma luta diária e constante de conscientização e educação. E quando nós, mulheres, levantamos a bandeira para exigir nosso direito à liberdade sexual e apontamos comportamentos de uma violência de gênero que mata, somos taxadas de instáveis e loucas. A luta é sempre questionada pelos mesmos que são protegidos e/ou manipulados pela cultura do estupro. O caminho em busca do fim dessa cultura ainda é longo, pois são questões que estão estruturadas e institucionalizadas – não apenas no Brasil, mas em todo o mundo – devido a conceitos históricos da concepção da mulher enquanto submissa e provedora de prazer sexual ao homem. No entanto, as mudanças apenas são possíveis através de ações, debates e persistência em uma luta que significa uma reestruturação das ações sociais. É necessário, em caráter de urgência, criar o debate com as novas gerações – e as antigas também – para desconstruir essa cultura que nos cerca. E é com base nisso que desenvolvemos este trabalho.





Referências

- BELLONI, L. Brasil é o pior país da América do Sul para ser menina. **Exame**, out. 2016. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/brasil-e-o-pior-pais-da-america-do-sul-para-ser-menina/>>. Acesso em: 10 jan. 2017.
- BUCHWALD, E.; FLETCHER, P. R.; ROTH, M. **Transforming a Rape Culture**. Minneapolis: Milkwood Editions, 1993.
- GAY, R. **Má feminista**: Ensaios provocativos de uma ativista desastrosa. 1. Ed. Barueri: Novo Século Editora, 2016.
- MEDEIROS, L. Como assim, cultura do estupro? **Politize**, abr. 2017. Disponível em: <<http://www.politize.com.br/cultura-do-estupro-como-assim/>>. Acesso em: 14 jun. 2017.
- NUNES, F. Uma mulher é violentada a cada 11 minutos no País. In: **O Estado de São Paulo**, mai. 2016. Disponível em: <<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,uma-mulher-e-violenta-da-a-cada-11-minutos-no-pais,10000053690>>. Acesso em: 16 dez. 2016.
- RIBEIRO, S. **O estupro muito além do sensacionalismo**. jun. 2016. Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/2016/06/o-estupro-muito-alem-do-sensacionalismo/>>. Acesso em: 10 jan. 2017.
- SOARES, W.; ACAYABA, C. **Um em cada 3 brasileiros culpa mulher em casos de estupro, diz Datafolha**. dez. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/09/um-em-cada-3-brasileiros-culpa-vitima-em-casos-de-estupro-diz-datafolha.html>>. Acesso em: 13 jan. 2017.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

